

POR UM FUTEBOL JOGADO COM AFETOS: COGNITIVISMO, DINÂMICA ECOLÓGICA E SPINOZA

Pedro Silveira Bueno Galante

Faculdade de Educação Física (FEF/UNICAMP)

pedrogalante21@gmail.com

Alcides José Scaglia

Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/ UNICAMP)

scaglia@unicamp.br

Há na Pedagogia do Esporte (PE) um debate entre modelos teóricos da tomada de decisão em jogo. De um lado, o cognitivismo concebe a tomada de decisão como um processo estímulo-resposta elaborado a partir do tratamento informacional. Há grande destaque à representação cerebral dos conteúdos relevantes à decisão, popularizados sob o termo “ideias de jogo.” Do outro, a dinâmica ecológica (DE) concebe um processo de auto-organização do atleta dentro do sistema jogo, guiado pela percepção direta com o meio. Há destaque à ausência de representações cerebrais, e uma concepção de cognição expandida: uma cognição corporificada, ou então uma ação cognoscitiva.

Esse debate pode ser resumido à questão: há ou não recorrência a representações cerebrais na tomada de decisão em jogo?

O cognitivismo responde que sim, pois é herdeiro da tradição cartesiana. O modelo funciona bem na lógica pedagógica tradicional, mas derrapa em ao menos duas situações: 1) quando atletas possuem a representação mental dos conteúdos de jogo e não conseguem executá-los; 2) quando atletas executam decisões cujo conteúdo de jogo não parece explicável por qualquer tipo de representação mental.

A DE responde que não, pois é crítica à essa separação. O modelo ganhou relevância por explicar as tomadas de decisão no contexto do jogo e sustentar uma lógica pedagógica emergente. No entanto, fugindo da ideia de representação, os conceitos que a DE oferece para orientar o processo pedagógico (affordances, calibração) parecem tautológicos. Se um atleta não chuta, não é porque lhe falta a representação de algum conteúdo relevante ao chute, mas porque ele não está sintonizado com as affordances de chute, quando ele estiver sintonizado, ele chutará. E o que o professor faz com isso?

Diante desse impasse, a filosofia de Baruch Spinoza parece capaz de oferecer ferramentas conceituais para superar esse debate.

Em Spinoza todo corpo é um corpo e sua ideia. Esse paralelismo marca profundamente a dinâmica do corpo, que tem por aptidão afetar e ser afetado. O afeto é a

afecção do corpo, pela qual sua potência de agir é aumentada ou diminuída, além da ideia dessa afecção. A noção de representação está incluída, mas não é central.

O conceito de afeto chega na PE com uma potência de reformar a noção de representação. Se na Ética, a teoria dos afetos e os gêneros de conhecimentos levam à liberdade e à beatitude. Na PE, a noção de afeto pode substituir o lema do “futebol jogado com ideias,” por um futebol jogado com afetos.

O conceito de afeto permite compreender a tomada de decisão como o processo corporal de decisão e resolução dos problemas de variação de potência em função da situação de jogo. O conceito de afeto explica as duas situações em que o modelo cognitivista falha. Ao mesmo tempo, o conceito de afeto é coerente com a DE, mas não é tautológico. A tarefa do professor é afetar o atleta na direção da compreensão do jogo, mobilizando sua imaginação, razão e intuição para aumentar sua própria potência de jogar. O gol será consequência.

Palavras-chave: Afeto; Cognitivismo; Dinâmica ecológica; Tomada de decisão; Pedagogia do Esporte.